

# UMA SITUAÇÃO DELICADA

POR TONY BELLOTTO

1

Eu estava vendo na tevê o Santos perder para o Etti Jundiaí, o que não ajuda nada o meu humor – e olha que o peixe jogava em plena Vila Belmiro –, quando o telefone tocou. O sujeito não quis se identificar e queria me encontrar em quinze minutos num “lugar neutro”. Eram dez e meia da noite e numa situação normal eu teria mandado o ansioso me procurar no escritório no dia seguinte. Se o Santos estivesse ganhando talvez eu o mandasse para a puta que o pariu. Mas aquela derrota (até então a única vitória do Etti Jundiaí no torneio Rio-São Paulo) me fez mudar de idéia. Aliás, desde quando Etti Jundiaí é nome de time de futebol?

“O que você chama de um lugar neutro?”, eu perguntei.

“A praça do Obelisco, em frente ao parque do Ibirapuera.”

“Não sei o quanto você conhece da cidade de São Paulo”, eu disse, após denotar seu sotaque entre o mineiro e o goiano, “mas aquele lugar, além de ser um ponto de encontro de veados, é também uma excelente locação para dois otários serem depenados por assaltantes. Que planeta você habita?”

“Sou de Brasília. Em relação aos veados, não tenho preconceito. Quanto aos assaltantes, nós estaremos bem protegidos, não se preocupe. Não sou um otário.”

Todos pensam que não são, mas achei melhor não contar para ele.

“Ok”, eu disse. “Quinze minutos.”

“Senhor Bellini”, ele disse antes de desligar, “traga uma muda de roupa. Talvez a gente tenha que fazer uma viagem rápida.”

2

O sujeito devia ter uns vinte e sete anos, terno e gravata, nem alto nem baixo, nem gordo nem magro. Não vi os veados que costumam freqüentar o local, mas sei reconhecer um puxa-saco a dez quilômetros de distância. Formado em Direito, talvez. Ou Administração de Empresas, quem sabe? Veio em minha direção logo que desci do táxi na praça do Obelisco, estendeu a mão para me cumprimentar e eu entendi depressa o que ele tinha dito ao telefone sobre estarmos seguros quanto a possíveis assaltos: na calçada, ao lado de um Vectra preto, um japonês gorducho se incubia de escanear cada centímetro de meu corpinho e todos os graciosos movimentos que eu fazia.

“Jorge Santana, muito prazer”, disse o almofadinha, cheio de salamaleques.

“Remo Bellini”, eu disse, evitando mentir sobre o prazer que eu não sentia.

“Aquele é o meu segurança, o Massao.”

Dei um tchauzinho para o Massao. Ele parecia um aspirante a lutador de sumô. Faltavam alguns quilos, mas ele chegaria lá.

“Sou assessor do PFA”, prosseguiu Jorge Santana. “O Partido Da Frente Ampla.”

O PFA, como todos sabem, é uma conhecida quadrilha de oligarcas e políticos safados, daqueles que pintam o cabelo e o bigode, freqüentam bordéis, roubam trilhões dos cofres públicos e posam de moralistas éticos. A frente ampla a que se refere o nome do partido deve dizer respeito às contas bancárias e aos bolsos de seus integrantes.

“Sou assessor especial do senador Guimarães.”

A coisa estava ficando boa. O senador Guimarães era o típico político de anedota, um personagem que poderia facilmente habitar um romance de García Márquez ou um programa do Chico Anysio. Para a infelicidade geral da nação ele habitava o Congresso Nacional.

“E como é?”, eu perguntei.

“Como é o quê?”

“Ser assessor do senador Guimarães.”

“Às vezes é difícil.”

“Como agora, por exemplo?”

“Sem dúvida.”

“De que nós estamos falando?”, perguntei.

“De chantagem. Chantagem e extorsão.”

3

Morro de medo de avião. Principalmente de avião pequeno, como aquele *Lear Jet* que me levava até Brasília. Minha sorte foi o senador manter em seu jatinho particular uma adega digna de um lorde. Lorde Johnny Walker, blue-label. O scotch foi amansando o balanço que a turbulência impunha ao *Lear Jet* e em pouco tempo eu já estava achando tudo divertido, como se estivesse na varanda do sítio do picapau amarelo, deitado numa rede. Até mesmo Massao me pareceu humano e quase simpático. Enquanto isso, alheio aos balanços do avião, como se estivesse muito acostumado àquelas viagenszinhas furtivas, Jorge Santana não parava de falar. E eu não parava de beber. Cada macaco no seu galho, diria minha avó.

“O senhor compreende que o senador não possa estar pessoalmente aqui, mas ele confia plenamente na sua capacidade de lidar com a situação. Ele teve ótimas

referências do trabalho que o senhor...”

“Você não está numa audiência oficial, Jorge. Pode me chamar de Bellini.”

“Claro, claro, Bellini. O senador, obviamente, conta com a sua discrição...”

“Não se preocupe. Aliás, de que situação exatamente nós estamos tratando aqui?”

“Uma situação delicada. O senador Guimarães está sendo vítima de chantagem.

Alguém alega possuir fotos do senador em situações bastante constrangedoras... Há fortes indícios destas fotos serem verdadeiras, o que seria uma catástrofe para o senador e para todo o partido.”

“Sexo?”

“Claro.”

“Prostitutas?”

Jorge ficou quieto.

“Uma suruba?”

“Pior.”

“O senador é...?”, perguntei. Ou melhor, sugeri.

Jorginho Puxa-Saco não disse nada. Quem cala consente, diria aquela minha mesma avó.

4

O Hotel Kubitschek Plaza tem fotos de Juscelino Kubitschek e da construção e

inauguração de Brasília espalhadas pelas paredes dos corredores. No meu andar vi uma foto em que o jovem Kubitschek aparece cursando a clínica de urologia do professor Chevassu em Paris. A cara do professor Chevassu é impagável. Me lembrei da primeira vez em que visitei a cidade, ainda na década de sessenta, quando meu pai, minha mãe e eu enfrentamos num Simca os mais de mil quilômetros desde São Paulo para conhecer a Novacap. Era assim que meu pai se referia a Brasília: Novacap. O presidente idealizador daquilo tudo também tinha um apelidinho americanizado composto das iniciais de seu nome: JK. Meu pai andava muito entusiasmado com o Brasil naquela época. Tudo muito bonito, muito *american way of life*, contaminado pelo otimismo obsessivo dos anos cinqüenta. Parecia que o Brasil estava prestes a se tornar uma coisa bem diferente da que se tornou. Lembro da Catedral, ainda em obras, e da terra vermelha que manchava tudo. A coisa que mais me impressionou na época foi a terra. Como era vermelha!

No quarto, liguei a tv sem som, deitei na cama e fiquei olhando pela janela os faróis dos carros se deslocando pelo Eixo Monumental. As coisas não andavam fáceis para o PFA. Alguns de seus políticos eram suspeitos de envolvimento em negociatas com dinheiro público e um escândalo sexual com o senador Guimarães não ia ser um bom negócio num ano de eleição presidencial. Segundo Jorge Santana, essa era a razão de terem me escolhido para negociar com o chantagista que em algum momento da madrugada entraria em contato. Se o próprio Jorge se encarregasse dessa missão, talvez o escândalo vazasse de qualquer maneira. “Sabe como é”, dissera ele enquanto me levava do aeroporto até o hotel, “Brasília virou um antro de espíões,

contra-espíões, arapongas, repórteres e procuradores públicos sedentos de sangue. Isso aqui está pior que Berlim durante a guerra fria. Se alguém me vir em situação suspeita, estamos ferrados. Sou muito conhecido por aqui. Já de você, um desconhecido, ninguém vai desconfiar.”

Agradei o elogio. Antes de me deixar a duzentos metros do hotel – “pode ter algum porteiro informante, nunca se sabe” – Jorge me ofereceu os serviços de Massao. Agradei e disse que podia me cuidar sozinho. Por fim me implorou que ficasse longe da imprensa – “jornal só serve pra embrulhar peixe” –, me entregou a pasta com cinquenta mil dólares e me desejou boa sorte. Tudo o que eu tinha a fazer era esperar o chantagista ligar, entregar a ele a pasta com o dinheiro e pegar as fotos e negativos do senador em sua orgiazinha. Na recepção, peguei um exemplar do *Correio Braziliense*, dobrei e guardei no bolso interno da jaqueta. Poderia me ajudar a matar o tempo caso o chantagista me desse um chá de cadeira.

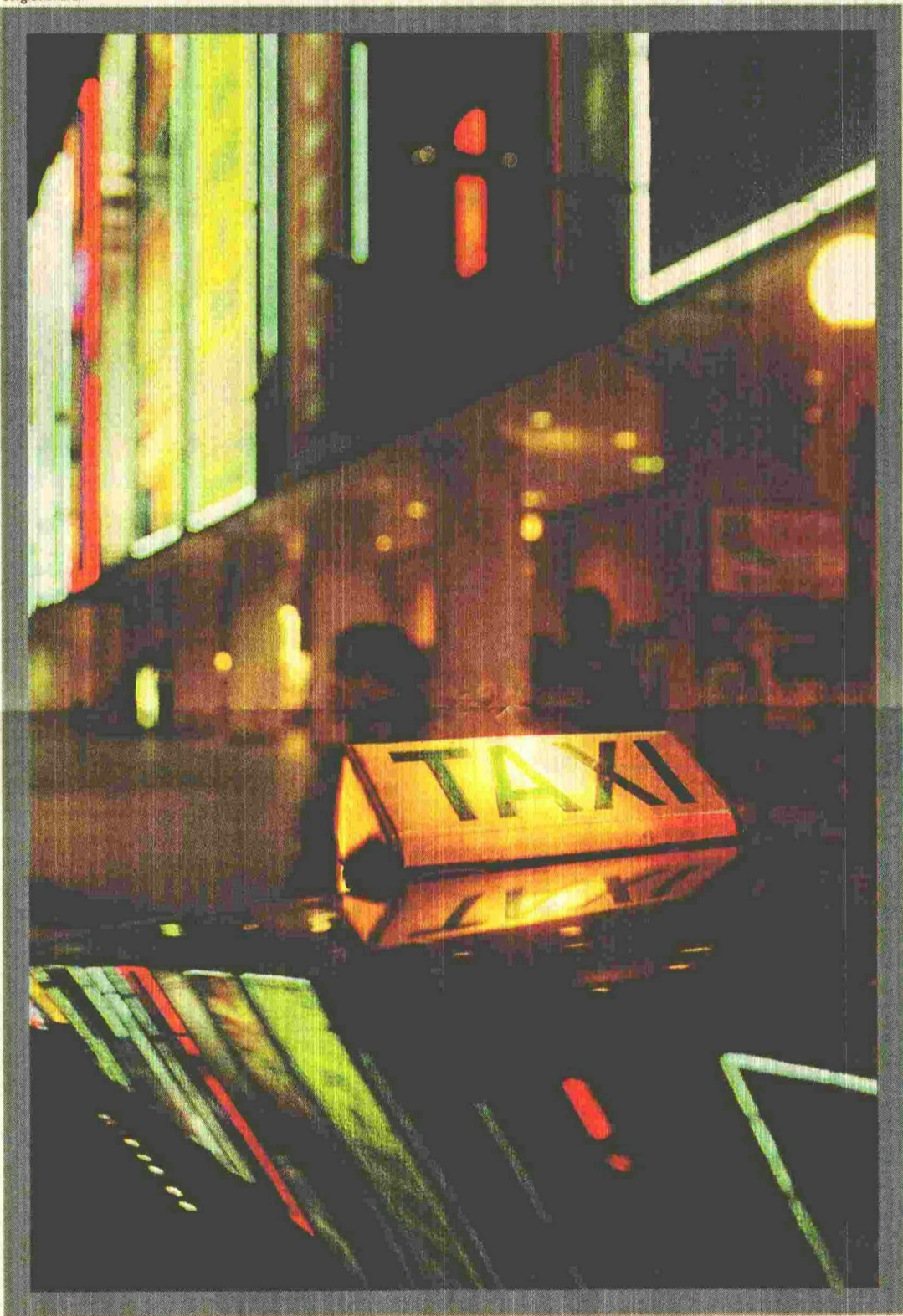
5

Meu celular tocou às três da manhã enquanto eu observava pela CNN o estrago causado pela explosão de uma mulher-bomba palestina em plena Jerusalém. Não foi por lá que viveu Jesus Cristo? Acho que o ser humano nunca deixou de ser um imbecil completo. O chantagista, pela voz, parecia jovem. Mas as vozes enganam (já caí do cavalo inúmeras vezes ao me apaixonar por telefonistas de hotel). O que não me enganou foi o tom nervoso e pouco profissional dele. O amadorismo, mais do que o fato de ser jovem ou não, poderia vir a ser um problema. Mas eu estava ali para isso mesmo, resolver problemas. Quem come prego sabe o cu que tem (não sei se minha avó diria isso).

“Você é o contato?”, ele perguntou.

“Não, sou o Papai Noel”, respondi.

Sérgio Amaral



# UMA SITUAÇÃO DELICADA

POR TONY BELLOTTO

Sérgio Amaral



“Sófocles e Eurípedes não deram as caras, mas mandaram um sujeito de boné no lugar deles. Apareceu sorrateiramente pelo outro lado do palco...”

“Tá de gracinha, filho da puta? Olha que eu entrego as fotos para a televisão!”  
“Globo ou SBT, quem paga mais? Otário, você sabe que nenhuma emissora de tv vai comprar essa merda. O senador controla tudo.”  
“Vou desligar.”  
“Desliga e eu embolso os cinquenta mil que estão na minha mão, mané, e você vai pagar mico no programa do Ratinho por qualquer dois mil réis. Quer as verdinhas ou não?”  
“Então faz tudo como eu mandar, paulista.”  
Apreciei a perspicácia de meu interlocutor. Ou era meu sotaque que andava dando muita bandeira?

6

Se o chantagista tivesse marcado o encontro na Praça dos Três Poderes, no Palácio do Planalto, no Ministério da Justiça, no Itamaraty ou na Catedral, eu saberia para onde ir. Concha Acústica?

“É perto daqui, a essa hora em menos de dez minutos a gente chega lá”, disse o motorista do táxi. “Sem querer ser intrometido, o que o senhor vai fazer lá numa hora dessas?”  
“Turismo.”

Não se pode dar mole para taxistas. O sujeito não tem o que fazer e vai desenvolvendo uma curiosidade patológica em relação aos passageiros que carrega. Eu tinha pegado o táxi no Conjunto Nacional, atraído pelo apelo feérico das luzes de neon. De longe o lugar parece um cassino de Las Vegas, mas chegando perto você descobre que é um *shopping center* ao lado de uma rodoviária, como em qualquer cidade do interior. Já perto da Concha, depois de sair da N2, o motorista me falou que, se eu seguisse direto por aquela estrada, chegaria aos palácios da Alvorada e do Jaburu. As informações eram preciosas mas infelizmente nem Fernando Henrique nem Marco Maciel poderiam me ajudar a resolver a parada.

Não havia ninguém nas imediações da Concha Acústica, fora os grilos que me saudavam com uma sinfonia inusitada para alguém que vive na Avenida Paulista. O lugar era lúgubre, escuro e muito assustador: árvores retorcidas, uma antiga bilheteria cheia de pichações e vidros partidos, um silêncio que só era quebrado pelo eco aterrador dos meus próprios passos. Ao fundo, o Lago Paranoá que, àquela luz, lembrava mais o Loch Ness. O chantagista tinha me instruído a caminhar até o palco e esperar ali, do lado direito da parede em forma de concha que delimita o fundo do palco. Fiz o que ele mandou e fiquei observando o lugar, que parecia a imagem de um teatro grego no meio de um pesadelo.

Sófocles e Eurípedes não deram as caras, mas mandaram um sujeito de boné no lugar deles. Apareceu sorrateiramente pelo outro lado do palco – na extremidade oposta da parede – a uns trinta metros de onde eu me encontrava. Eu me esforçava para focalizar aquele vulto no escuro quando ouvi uma voz sussurrando ao meu ouvido: “E aí, paulista?”. Demorei alguns segundos para entender que não era Dionísio me mandando um recado do Olimpo. Era o chantagista. O estranho foi que a voz dele soou muito nítida, como se tivesse proferido a frase muito próximo de mim.

“Gostou?”, ele perguntou. “Esse é um prodígio da arquitetura, um fenômeno acústico desta concha acústica. O som se propaga magicamente pela parede.”  
“Parabéns”, eu disse. “O projeto é seu?”

“Cala a boca, paulista! É do Niemeyer, porra.”

Desta vez o som veio com mais intensidade, quase ferindo meus tímpanos. Tem alguma coisa em Brasília que não foi projetada pelo Niemeyer? Bem, pelo que observei pelo caminho, hoje em dia existem algumas atrocidades que não têm nada a ver com a cidade projetada.

“Trouxe a grana?”, ele sussurrou, mais calmo, cortando meus devaneios arquitetônicos. Mostrei a pasta. Estava escuro mas consegui ver que ele levantou a camiseta e tirou um envelope da cintura. Colocou o envelope no chão.

“As fotos estão aqui. Você deixa a pasta aí. Você desce até a arquibancada e vem para cá enquanto eu vou até aí pelo palco. Anda de frente pra mim, devagar. Eu pego a grana, você pega as fotos.”

Me pareceu uma troca justa. Deixei a pasta no chão e fui andando pela arquibancada enquanto ele fazia o mesmo pelo palco. Andávamos de lado, com cautela, sem tirar os olhos um do outro. Cheguei ao envelope ao mesmo tempo em que ele chegou à pasta. Conferi as fotos, estava escuro mas não havia dúvida, aquilo era material para implodir várias repúblicas: o senador Guimarães em poses inclassificáveis, se divertindo com um rapaz musculoso. Na minha profissão você acaba se tornando um bom fisionomista e eu podia jurar que – apesar do breu – o rapaz musculoso da foto era o sujeito de boné que, do outro lado do palco, devia estar tendo uma ereção ao manusear todos aqueles Georges Washingtons e Benjamins Franklins. Foi quando escutei o primeiro tiro, disparado de trás da parede. O rapaz fez um movimento brusco, olhou na minha direção e, antes que conseguisse sacar a arma, um segundo estampido – terrível, ampliado pela acústica prodigiosa daquele lugar fantasmagórico – fez com que largasse os dólares e caísse inerte sobre o concreto frio. Massao desviou do corpo e guardou as notas na pasta.

“Tinha um comparsa atrás da parede, dando cobertura. Apaguei primeiro”, ele disse. “As fotos estão aí?”

“Não era isso o que a gente tinha combinado”, eu disse. “Não era pra você estar aqui.”  
“Eu combinei alguma coisa com você?”, ele perguntou, com a voz ecoando por toda a concha acústica enquanto caminhava em minha direção, carregando a pasta numa mão e o revólver na outra. Foi quando entendi tudo. Toda aquela conversa do Jorginho Puxa-Saco me dizendo das ótimas referências que o senador tinha a meu respeito. Eu devia ter percebido antes o plano óbvio: depois de feito o serviço, apagar o detetive pé-de-chinelo de São Paulo. A vaidade é uma merda. Como fui acreditar que minha fama tinha chegado aos altos círculos do poder? Saquei a Beretta, pulei no chão e disparei contra o japonês. Ele largou a arma e caiu. Peguei o envelope com as fotos e corri em direção à saída. Tropecei em algumas arquibancadas mas não parei. Saí da concha, atravessei a pista e me embrenhei na vegetação rasteira do terreno em frente. Quanto mais eu corria, mais certo estava de que ia ser muito difícil escapar daquela. Eu estava com as fotos, tudo bem, mas aquilo não me garantia nada. Em pouco tempo alguém ia me encontrar. Parei de correr. Vi as árvores típicas do cerrado e me lembrei do desenho da Branca de Neve. O senador Guimarães logo logo ia mandar um caçador atrás do meu coraçãozinho. Respirei fundo. À esquerda, o Palácio da Alvorada. Em frente, o Jaburu. Difícilmente os dragões da independência iam me salvar do Lobo Mau. No horizonte o dia começou a raiar. Pena que eu não estivesse no estado de espírito apropriado, mas o nascer do dia em Brasília é bonito pra caramba. E foi assim, talvez inspirado pelos primeiros raios do sol, que lembrei que tinha, ainda no hotel, guardado no bolso um exemplar do *Correio Braziliense*. Tirei o jornal do bolso da jaqueta: Londres, 1808... Hipólito não sei das quantas... Brasília, 1960... Assis Chateaubriand... atendimento ao leitor, 342-1111. Encontrei o que eu queria. Peguei o celular.

7

Tudo bem, o editor ainda não estava na redação, mas consegui o telefone da casa dele. É certo que o país inteiro ficaria sabendo das aventuras sexuais do senador, mas eu continuaria vivo. Quem foi mesmo que disse que jornal só serve para embrulhar peixe?

Tony Belotto